

Pg Os economistas e a crise — II

*João Paulo de Almeida Magalhães **

Em artigo anterior defendi a tese de que a comunidade de economistas brasileiros vem-se comportando de maneira extremamente imatura diante da grave crise que assola o país. Analisando um programa oficial, que consideram 80% certo, passam por cima desse fato, limitando-se a atacar duramente os 20% que supõem errado. Como isso é feito por meio de rádio, jornal e televisão, transmitem ao público leigo uma impressão completamente negativa com relação aos planos governamentais, contribuindo, decisivamente, para inabilitá-los.

No presente artigo procurarei mostrar como a imaturidade dos nossos economistas é agravada pela própria imaturidade da ciência que cultivam.

Os filósofos da ciência costumam qualificar a Economia (e as ciências sociais em geral) de imatura no sentido de que é incapaz de utilizar métodos da eficácia e precisão dos correntemente empregados nas ciências físicas e biológicas. Na verdade, porém, a Economia se coloca, a esse respeito, em situação inferior às outras ciências sociais. Vejamos por quê.

Desde a Renascença, quando a humanidade deixou de se preocupar apenas com a salvação eterna, passando a se interessar pelo bem-estar terreno, as ciências foram mobilizadas no sentido de promover este último objetivo. As ciências físicas nos proporcionaram desde a construção de pontes, aviões, eletrodomésticos até a energia atômica e as viagens espaciais. A moderna medicina, com suas vacinas, pontes-safena, controle de epidemias etc., nasceu das pesquisas biológicas. Com a Economia a coisa foi diferente.

Antes de sua consolidação como ciência, os autores Mercantilistas procuravam tirar de sua experiência prática um sem-número de regras para a ação do Estado. Adam Smith, fundador da disciplina, mudou tudo isso. Ele descobriu a — mão invisível — que, independentemente de qualquer interferência humana, orienta os negócios econômicos, garantindo sempre os resultados melhores e mais desejáveis. Isto é, enquanto as demais ciências constituíram instrumentos para o homem agir sobre a realidade, com a Economia sucedeu o oposto. Sua regra básica era não fazer coisa alguma porque, assim, tudo sairia pelo melhor. Figurativamente poderíamos dizer que estávamos diante de uma nova medicina, que após estudar as funções do corpo humano concluía que o correto era não interferir, de forma alguma, sobre elas. Nada de vacinas, remédios ou operações cirúrgicas. A — força curativa da natureza —, agindo livre e desimpedida, proporcionaria resultados muitas vezes superiores.

A doutrina dos braços cruzados em Economia teve tal força, que nem Marx escapou inteiramente dela. Ele foi, sem dúvida, um ativista. Sua obra científica, contudo, se acha, toda ela, orientada no sentido de provar que as forças do mercado agindo livremente determinariam, por si sós, a passagem do capitalismo para o socialismo.

O mais importante é que essa posição parece ter sido integralmente confirmada pelos fatos. Os países hoje desenvolvidos chegaram à presente situação na ausência de qualquer ação sistemática dos seus Governos. Alguma política monetária e de comércio exterior pode, sem dúvida, ser assinalada. O alto padrão de vida desses países foi, contudo, obtido independentemente de qualquer interferência sistemática do Poder Público e mesmo, segundo a melhor interpretação, exatamente como consequência dessa omissão.

O recente estrondoso fracasso das economias socialistas vem sendo apresentado como prova final de que não se deve interferir nas ações da — mão invisível —.

O problema é que esta parece ter esquecido o chamado terceiro mundo. Válida a interpretação de Adam Smith, e respeitadas as regras por ele impostas, que constituem a espinha dorsal de toda ciência econômica, o subdesenvolvimento não poderia existir. Deveria ocorrer alguma coisa, como previam, até meados do século XX, os economistas: no

momento em que o capital se adensasse nos países desenvolvidos, as taxas de juros e lucros cairiam; como, por outro lado, elas permaneceriais altas nos subdesenvolvidos, onde esse fator de produção continuaria escasso, um fluxo espontâneo de capital surgiria, vindo dos primeiros e se dirigindo para os segundos. A obtenção do pleno desenvolvimento era apenas questão de tempo.

Ora, hoje nem os mais otimistas (excluem-se os irremediáveis alienados) acreditam que a simples ação das forças de mercado seja capaz de garantir esse resultado, ou seja, o subdesenvolvimento criou algo novo na Economia: diante do fracasso, no seu caso, da — mão invisível — os conhecimentos por ela proporcionados deveriam ser utilizados no sentido de atuar sobre a realidade, orientando-a num sentido mais favorável às aspirações humanas.

Ai surge o primeiro problema. O economista, diferentemente dos cultores das ciências exatas, tem pouca experiência nesse sentido. Salvo em raríssimos casos, ele jamais foi colocado diante de problemas como, por exemplo, de encontrar em prazo curto um remédio para aids, ou montar uma bomba atômica antes que os alemães ou japoneses o fizessem. Colocando a questão em outros termos, diríamos que todos os confortos hoje usufruídos pela sociedade moderna podem ter sua origem identificada nos trabalhos deste ou daquele luminar das ciências exatas. Os grandes economistas, em sentido contrário, pouco mais fizeram do que descrever os mecanismos do corpo social sem que seus trabalhos jamais fossem usados para uma ação sobre ele.

Isso, contudo, não seria uma dificuldade fundamental. Retomemos o exemplo da nossa hipotética medicina, defensora da eficácia da força curativa da natureza. Nada impediria que, no fracasso desta, os conhecimentos biológicos disponíveis fossem utilizados para a criação de remédios e vacinas. Infelizmente, na Economia a dificuldade é bem maior.

Hoje é, de fato, amplamente aceito que o nosso processo dinâmico (e seus problemas) não reproduz o que aconteceu nos países desenvolvidos. Sucede que as teorias e paradigmas existentes em nossos livros de texto, e que permitiriam uma ação racional e ordenada sobre a realidade econômica, estão baseados na experiência destes últimos.

Isto é, o economista brasileiro (e isto vale para o de todos os países subdesenvolvidos) está diante de duas tarefas para as quais não estava preparado: (a) criar teorias e paradigmas capazes de interpretar a realidade específica dos países em desenvolvimento, e (b) definir meios e modos de agir sobre ela. A segunda tarefa, que faz parte da rotina dos especialistas das ciências maduras, constitui algo fundamentalmente novo para o economista. A primeira, escapa à experiência dos próprios especialistas brasileiros nas ciências maduras porque eles são tipicamente importadores de teorias e paradigmas que, diga-se de passagem, são válidos à escala do planeta.

A meu ver, portanto, mesmo na hipótese de um comportamento maduro e responsável do economista brasileiro, a imaturidade da sua disciplina torna extremamente difícil que ele haja, diante de gravíssimos problemas como da estagnação, que se prolonga por uma década e da ameaça da hiper-inflação, da maneira tranquila, sistemática e produtiva com que, por exemplo, os pesquisadores da Aids enfrentam seus problemas.

O tão áspero quanto confuso debate em torno da inflação parece demonstrar que ele não se acha preparado a enfrentar o problema com base em um ou mais (na linguagem de Lakatos) — programas científicos de pesquisa — que mais cedo ou mais tarde definiriam as melhores soluções disponíveis.

A ruptura desse impasse é difícil mas não impossível. A primeira condição para tanto é que o economista tome a consciência dos fatos acima descritos e passe a agir em consequência. Até o momento, apenas a comunidade nacional (com exclusão dos diretamente interessados) parece ter percebido que seus economistas estão andando em círculos, completamente desorientados e, portanto, incapazes de oferecer uma solução, razoavelmente consensual, para a gravíssima crise que ameaça comprometer, de forma irremediável, o futuro do país.

* Professor titular de Economia da UFRJ. Último de uma série de dois artigos. O primeiro foi publicado na edição de segunda-feira da semana passada